Avaliação da aprendizagem em tempos de inteligência artificial: contribuições para uma prática multidimensional no ensino a distância

Autor(res)

Renata Aparecida Frigeri
Juliana Schiavetto Dauricio

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA - CATUAÍ

Introdução

Historicamente, a avaliação da aprendizagem tem sido marcada por práticas classificatórias centradas na memorização de conteúdos e na quantificação do desempenho discente. Essa lógica reducionista desconsidera dimensões fundamentais do processo educativo, como a criatividade, o raciocínio crítico, o foco e a capacidade de aplicar o conhecimento em situações reais. Diante das transformações tecnológicas e sociais provocadas pela cultura digital e pelo uso crescente da inteligência artificial (IA), sobretudo em ambientes virtuais de aprendizagem, surge a necessidade de repensar os processos avaliativos a partir de uma abordagem mais ampla e humanizadora.
A avaliação precisa deixar de ser um ponto final e tornar-se um processo contínuo e multidimensional, com ênfase na formação integral do estudante. Neste contexto, discute-se a seguinte pergunta para esta proposta de reflexão: De que forma a inteligência artificial pode contribuir para a construção de práticas avaliativas multidimensionais em contextos de ensino a distância, sem comprometer os princípios éticos e formativos da educação?

Objetivo

O presente artigo tem como objetivo fomentar iniciativas de pesquisa de como a inteligência artificial pode contribuir para o fortalecimento de práticas avaliativas multidimensionais no ensino a distância, respeitando os fundamentos éticos, pedagógicos e formativos que caracterizam uma avaliação voltada à aprendizagem significativa.

Material e Métodos

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa e abordagem teórico-reflexiva, fundamentada em revisão de literatura especializada sobre avaliação educacional e suas interfaces com a tecnologia. São utilizados como referenciais principais os autores Jussara Hoffmann, Cipriano Luckesi, Maria Teresa Esteban, Luiz Carlos de Freitas e Vani Kenski, que discutem diferentes concepções e dimensões da avaliação da aprendizagem.
Esta investigação tem caráter inicial, com enfoque propositivo e reflexivo. Não se pretende esgotar o tema, mas oferecer uma base conceitual e analítica que sirva de estímulo para pesquisas futuras e práticas docentes comprometidas com uma avaliação crítica, inclusiva e inovadora.

Resultados e Discussão

O uso da inteligência artificial (IA) nos processos de avaliação da aprendizagem constitui uma das transformações mais expressivas da educação contemporânea. Essa inovação, entretanto, não pode ser concebida como uma solução autônoma ou substitutiva do trabalho docente. Ao contrário, quanto mais complexas e integradas forem as ferramentas de IA, mais indispensável se torna a atuação de professores qualificados para conduzir a avaliação com intencionalidade pedagógica, ética e formativa.
Entre os principais tipos de avaliação, a diagnóstica desempenha papel fundamental ao identificar conhecimentos prévios, dificuldades e estilos de aprendizagem. Para Hoffmann (2001), trata-se de uma etapa indispensável ao planejamento pedagógico. Nesse aspecto, a IA pode apoiar o processo por meio de análises preditivas, sugerindo trilhas personalizadas de aprendizagem desde o início do percurso formativo.
A avaliação formativa, conforme destaca Luckesi (2011), deve ocorrer durante o percurso de aprendizagem, possibilitando avanços e reorientações. O suporte da IA torna possível oferecer feedback imediato, propor atividades de reforço e acompanhar o progresso do estudante em tempo real.

Já a avaliação somativa e classificatória, tradicionalmente aplicadas ao final de ciclos, têm como objetivo aferir o desempenho global. Contudo, como adverte Freitas (2005), é necessário evitar que essas práticas se tornem reducionistas ou excludentes. Nesse sentido, a IA pode contribuir com a organização de bancos de dados de desempenho, embora exija cautela quanto a vieses e automatismos que possam reforçar desigualdades.

A avaliação multidimensional, por sua vez, amplia a compreensão do processo educativo ao incluir dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais. Kenski (2012) defende que a avaliação em contextos mediados por tecnologia deve ser múltipla, dinâmica e contínua, respeitando a singularidade do aprendiz. Esteban (2001) acrescenta a perspectiva ética, baseada na escuta e valorização do sujeito. A IA pode favorecer a efetivação dessa abordagem ao automatizar diagnósticos, gerar feedbacks personalizados e diversificar os instrumentos avaliativos. Ainda assim, é imprescindível destacar que nenhuma tecnologia substitui o juízo pedagógico e o discernimento ético do professor, responsáveis por assegurar a função formativa e emancipadora da avaliação.

A efetivação de práticas avaliativas éticas, diagnósticas, formativas, somativas e multidimensionais depende diretamente da atuação consciente e crítica do professor. Nesse cenário, a presença da IA não diminui, mas reforça a necessidade de preparo pedagógico, domínio conceitual e reflexão ética por parte dos profissionais da educação. Assim, a formação docente assume papel estratégico na construção de práticas alinhadas às exigências do século XXI.

Na formação inicial, é fundamental que os cursos de licenciatura incluam componentes voltados ao letramento digital crítico, à ética no uso de dados educacionais e à elaboração de estratégias avaliativas mediadas por tecnologia. A formação continuada, por sua vez, deve proporcionar atualização permanente, favorecendo o aprofundamento teórico-prático sobre a IA, suas funcionalidades pedagógicas e seus limites éticos. Já a formação em serviço possibilita o aprimoramento situado da prática, integrando saberes da experiência docente com ferramentas digitais emergentes.

Mais do que capacitar o professor para operar tecnologias, trata-se de formá-lo para tomar decisões pedagógicas conscientes em ambientes digitais complexos. Isso implica interpretar dados, ressignificar informações e utilizar a IA como aliada no desenvolvimento integral dos estudantes. É essa mediação docente que transforma a IA de um recurso técnico em uma ferramenta pedagógica comprometida com o direito à aprendizagem e com a construção

de uma escola mais inclusiva, crítica e sensível às necessidades contemporâneas.

Conclusão

A inteligência artificial, quando integrada de forma crítica e ética, pode ampliar o escopo e a efetividade da avaliação da aprendizagem. Em vez de substituir o professor, ela deve funcionar como parceira no acompanhamento do processo educativo, promovendo práticas avaliativas mais ricas, personalizadas e inclusivas. Adotar uma perspectiva multidimensional implica reconhecer que aprender não é apenas reter informação, mas mobilizar saberes, valores e atitudes para transformar realidades. A avaliação, nesse contexto, deve ser formativa, ética, diagnóstica e crítica, e a IA deve estar a serviço

Agência de Fomento

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Referências

ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliar é um ato pedagógico. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREITAS, Luiz Carlos de. Qualidade da educação: consenso ou embate? Campinas: Papirus, 2005.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito e desafio. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOFFMANN, Jussara. O jogo da avaliação: da exclusão à inclusão. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.